

Ataques do inimigo não o fazem vergar

10/5/83 N. • Camponês de Gaza escapou a três atentados dos bandidos armados

Desde o ano passado, escapou a três atentados perpetrados pelos bandidos armados, na sua unidade produtiva. Ferido em dois deles (num recebeu um tiro que o atingiu ligeiramente no abdômen). Daniel Feijão Manhique, camponês de Gaza, não verga, apesar das ameaças dos bandidos. E não só retomou o seu trabalho, como também se predispõe a lutar, com os seus colegas em defesa das suas vidas e da sua unidade de produção.

«Se não fossem os bandidos armados, o nosso trabalho ia avante. São eles que nos estão a obrigar a falhar na produção», clama Daniel Manhique, para depois sublinhar aquilo que seria uma constante no seu depoimento: a necessidade de armas para se defenderem dos traiçoeiros ataques dos bandidos.

«Se os trabalhadores estivessem armados podíamos defender a nossa produção. Eles (os bandidos) estão armados. Nós civis não estamos», afirma ele ainda, dando os termos para que o seu interlocutor tire as conclusões óbvias.

Secretário da Célula do Partido no seu local de trabalho, na zona 6 da Empresa Estatal de Gado de Corte, na região do Chókwe, delegado pela Província de Gaza ao 4.º Congresso, Daniel Manhique, de 47 anos, tem razões de sobra, tiradas da sua vivência pessoal, para dizer o que diz a para reivindicar os instrumentos de defesa para si e para os seus companheiros de trabalho.

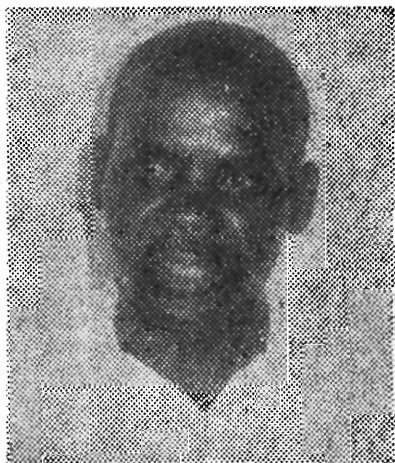
Em Junho do ano passado, um grupo de bandidos numa incursão ao seu local de produção, agrediram brutalmente os trabalhadores e a ele em especial, como responsável, depois de ameaças para que nunca mais voltasse ao trabalho. Ferido na cabeça, tendo ficado inanimado no solo até à madrugada do dia seguinte, depois de tratado e recuperado, regressou ao trabalho. Porque — segundo ele — «não podia abandonar o gado» (entre-

tanto disperso e outra parte roubada pelos bandidos).

Acompanhado por soldados da FPLM, viaja de um para outro lado, num tractor que o próprio conduzia, procurando recuperar as cabeças de gado. Até que alguns meses depois, em Agosto do mesmo ano, sofreu outro ataque dos bandidos armados. De novo foi ferido. Uma bala atingiu-o ligeiramente na região do abdômen.

Depois de quinze dias de hospitalização e do necessário repouso, retomou as suas funções no seu local de trabalho. E de novo reiterou as razões por que o fazia: «não podia abandonar o gado». Mas a sua experiência, entre tanto, levou-o a concluir que desarmados, ele e os seus companheiros, seriam um alvo fácil, para os intentos criminosos dos bandos, cujas «façanhas» maiores incidem sobre alvos económicos e civis, não deprimindo entre homens, mulheres e crianças da população.

Um dia, antes de tomar o caminho de Maputo, para participar no 4.º Congresso, um novo ataque. Desta vez a várias residências, entre as quais a sua, onde se encontrava com a mulher e os filhos.



Daniel Manhique